



**SOBRE A ARTE**

*Graça Castell*

[graca.castell@bol.com.br](mailto:graca.castell@bol.com.br)

**Brasília-DF**

**2006**



## SOBRE A ARTE

*Graça Castell<sup>1</sup>*

[graca.castell@bol.com.br](mailto:graca.castell@bol.com.br)

### Resumo

Este é um pequeno comentário a respeito da Arte, seu significado, sua contribuição e o prazer que ela proporciona para a vida do homem. Tornando possível ao próprio homem um melhor entendimento de si mesmo. Que a *vida imita a arte* muito mais do que a *arte imita a vida*. Isto resulta não apenas do instinto imitativo da vida, mas do fato de o fim confesso da vida ser o de encontrar expressão, e de a Arte lhe oferecer algumas formas belas por meio das quais poderá realizar a sua energia.

**Palavras-chave:** Arte – Prazer – Vida – Expressão.

### A Arte e o Conhecimento

Apesar de existirem diferenças evidentes entre arte, por um lado, e ciência ou história, por outro, a primeira, tal como estas últimas, pode ser considerada como uma contribuição significativa para o entendimento humano. Ao apreciarmos como o faz, é essencial perceber que as obras de arte não expõem teorias nem consistem em sumários de fatos. Tomam a forma de criações imaginativas que podem ser trazidas para a experiência cotidiana como modo de ordená-la e esclarecer.

O cognitivismo estético pode explicar, com mais sucesso do que outras teorias, por que é que se atribui a grandes obras de arte determinado valor. Embora se obtenha prazer das artes e da beleza que possuem, e apesar de serem muitas vezes comoventes, estas características só por si não podem explicar o valor da arte no seu melhor. (Graham, 2001, p.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Filosofia na USP/95 e Doutorado na USP/98, em Ciências Sociais.



99/100). A idéia de que obtemos da arte um melhor entendimento da experiência humana é capaz de dar sentido a isto, mas não é claro que esta explicação do valor possa ser aplicada a todas as artes. É necessário, assim, olhar com mais pormenor para formas de arte específicas — música, pintura, literatura e arquitetura.

### **A Arte e a Expressão**

Temos de reconhecer que, de fato, muitas obras de arte suscitam emoção e isto parece ser um dos meios ao qual a arte pode proporcionar prazer ao público. Talvez seja este fato que sustenta a crença mais generalizada no romantismo e no expressivismo. Mas o expressivismo afirma mais, nomeadamente, que o conteúdo da arte é emoção. Uma série de problemas coloca-se perante esta afirmação.

Primeiro, é difícil localizar a expressão de emoção numa descrição relevante e plausível da relação entre artista, trabalho e audiência. Segundo, a ênfase na emoção do artista priva a atividade artística do que a devia tornar especial, designadamente a imaginação. Terceiro não há nada valioso na expressão ou no despertar da emoção por si só.

Atualmente já existe uma versão mais sofisticada do expressivismo que tem o mérito de evitar o que se pode chamar *psicologismo* e que demonstra ser uma explicação tão boa do valor da arte quanto se pode desejar. Mas, de acordo com Graham (2001, p. 67/68), vemos que estas vantagens são ganhas por meio de um abandono efetivo do essencial no expressivismo. Mas, se o homem adotar tal perspectiva, até a sua conclusão lógica, acabará com uma descrição da arte como modo distinto de entendimento da experiência humana.

### **A Arte e o Prazer**

A visão comum de que a arte se encontra no prazer que dela obtemos foi considerada deficiente em vários aspectos. Primeiro não é claro que o que é em geral visto como o melhor na arte seja, exceto para aqueles *laboriosamente preparados para o desfrutar*, uma verdadeira fonte de diversão. Segundo, se o valor da arte é o prazer, isso faz com que seja quase



impossível explicar as várias discriminações que são estabelecidas entre, e no interior de várias obras e formas de arte. Terceiro, é difícil ver como é que a teoria do prazer poderia sustentar os tipos de distinções avaliativas feitas entre arte e não-arte nas instituições culturais e educacionais da nossa sociedade.

Pode-se tentar remendar a teoria do prazer falando de prazeres mais elevados, ou distintamente estéticos. Mas, na verdade, nenhuma dessas distinções parece ser sustentável. Mesmo se substituir o prazer estético por uma concepção kantiana de beleza, o homem ainda será conduzido na direção errada, nomeadamente em direção ao estado mental do público e, assim, parece que perde qualquer possibilidade de explicar o valor peculiar das obras de arte em si mesmas.

Deve notar-se que nada na argumentação contra a teoria do prazer sugere que a arte não possa entreter ou que as pessoas nunca possam ser entretidas por ela, nem que algumas coisas comumente vistas como obras de arte não sejam valorizadas principalmente por causa do prazer que proporcionam. E a argumentação também não nega que quadros ou peças musicais sejam belos e sejam em parte valorizados por isso. Segundo Graham (2001, p. 39/40), tudo o que a argumentação mostrou, até o momento, é que se o principal valor da arte residisse no prazer que deve ser derivado dela, ou em ser uma ocasião para juízos de beleza, a arte não poderia receber a alta estima que normalmente o homem lhe atribui.

### **O Valor da Arte**

A Arte não é expressão de nada, a não ser de si mesma. Tem uma vida independente, tal como o *pensamento* a tem, e desenvolve-se estritamente por caminhos próprios. Não é necessariamente realista numa época de realismo, nem espiritual numa época de fé. Longe de ser uma criação do seu tempo, está normalmente em posição frontal a ele, e a única história que preserva para nós é a história da sua própria evolução. Por vezes, retrocede sobre si mesma, e faz reviver alguma forma antiga, como aconteceu como o movimento arcaizante da



arte grega tardia, ou no movimento pré-rafaelita dos nossos dias. Noutras alturas, antecipa por completo a sua época, e produz num dado século obras que exigirão outro século para serem percebidas, apreciadas e fruídas. Em circunstância alguma reproduz a sua época. Passar da arte de uma época a época em si é o grande erro que todos os historiadores cometem.

A segunda doutrina é esta. Toda a má arte nasce de um retorno à *vida e à natureza*, e da elevação desses ideais. A *vida e a natureza* podem por vezes ser usadas como parte da matéria prima da Arte, mas, antes de constituírem um benefício real para ela, têm de ser traduzidas em convenções artísticas. No momento em que a Arte abandona o seu meio imaginativo, abandona tudo.

Desse modo, como método, o Realismo é um fracasso completo, e as duas coisas que todo o artista deverá evitar são a modernidade da forma e a modernidade de assunto. Para os que vivem nos dias hodiernos, qualquer século, exceto o atual, é assunto adequado à arte. As únicas coisas belas são as coisas que não dizem respeito ao pensamento contemporâneo. Passou do prazo. A vida anda mais depressa do que o Realismo, mas o Romantismo anda sempre à frente da vida.

A terceira doutrina é que a *vida imita a arte* muito mais do que a *arte imita a vida*. Isto resulta não apenas do instinto imitativo da vida, mas do fato de o fim confesso da vida ser o de encontrar expressão, e de a Arte lhe oferecer algumas formas belas por meio das quais poderá realizar a sua energia. Esta é uma teoria nunca antes exposta, mas que é extremamente fértil, e lança uma luz inteiramente nova sobre a História da Arte.

Segue-se como corolário disto que também a natureza exterior imita a Arte. Os únicos efeitos que são capazes de emergir são efeitos que viram antes na poesia, ou em pinturas. É este o segredo do encanto da Natureza, bem como a explicação da sua debilidade.

A revelação final é que *mentir*, o enunciar de coisas belas e falsas, é o verdadeiro fim da Arte. Mas disto creio ter dito que chegue. E agora vamos até ao terraço, onde *cai o pavão*



*branco de leite como um fantasma*, enquanto que a estrela da tarde *deslava de prata o entardecer*. Segundo Oscar Wilde, (1992, p. 50/52) ao crepúsculo, a natureza adquire um efeito maravilhosamente sugestivo, e não é desprovida de encanto, embora, talvez, a sua função principal seja a de ilustrar citações dos poetas.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GRAHAM, G. *Filosofia das Artes: Introdução à Estética*, Edições 70, Lisboa, 2001.

WILDE, O. *Intenções: Quatro Ensaios Sobre Estética*, Cotovia, Lisboa, 1992.